

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

REFÚGIO UTÓPICO

por

Luane Abatti

PORTO ALEGRE/RS

2019

LUANE ABATTI

REFÚGIO UTÓPICO

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Artes Visuais da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais*

Orientadora:

Prof^a Dr^a Elaine Athayde Alves Tedesco

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Daniela Pinheiro Machado Kern

Prof^a. Dr^a. Alessandra Lucia Bochio

Porto Alegre/RS

2019

“O conhecimento é limitado,
enquanto a imaginação abraça o mundo inteiro”

Albert Einstein

RESUMO

Com o uso de uma cadeira de praia e a partir da recriação de cenas que refletem alguns momentos em que houve o desejo de uma fuga da realidade, aliando aos trabalhos de alguns artistas com ideias que se entrelaçam aos meus, o presente trabalho mostra algo que venho imaginando e trabalhando em partes nos meus últimos semestres nesse curso de graduação.

Uma instalação que traz, na minha perspectiva, a ideia de um ponto de escape imaginário, um momento de fuga, um refúgio utópico.

A percepção dos espaços como parte da obra mostra uma proposição que inclui a consideração da imaginação como impulso de interesse artístico. Para situar o lastro artístico desse campo, trago Lygia Clark como uma das minhas principais referências artísticas, e com ela, mais três artistas e suas praias, cada uma com a sua e ao seu jeito: Katia Maciel, Brígida Baltar e Agnès Varda.

Palavras-chave: Imaginação; escape; refúgio; praia; utopia.

AGRADECIMENTOS

À professora Elaine, por acreditar na minha imaginação e que eu conseguiria colocá-la em palavras. E também em ação...

À professora Daniela, por indicar as direções que eu poderia seguir para a concretização deste trabalho, que também é um sonho.

À professora Alessandra, que mal havia chegado e já se deparara com uma aluna cheia da imaginação e que mal sabia colocá-la em uma filmagem.

Às pessoas da família que, positivamente, acreditaram no meu potencial e na minha “fora-da-casisse”, principalmente por eu ter saído do rumo familiar programado.

Às do círculo de amigos que sempre estiveram ao meu lado, especialmente à *Gestalt*, meu grupo amado de seletos amigos feitos nesta graduação. Agradecimento especial ao Vini pela câmera e à Vic pela cadeira.

Às pessoas que o Núcleo Acadêmico me deu que, por anos, ajudou muito mais do que apenas o meu lado aluna deste Instituto, e que será uma das coisas que mais sentirei falta após a formação.

Sei que, de alguma maneira, todos **imaginaram** que eu chegaria aqui e torceram para que chegasse bem.

ÍNDICE DE IMAGENS

- Figura 1 Luane Abatti, Refúgio utópico, projeto de instalação, 2019 _ 11
- Figura 2 Luane Abatti, Minha alma, fotografia, 2015 _____ 15
- Figura 3 Luane Abatti, Free bird pink, fotografia, 2017 _____ 16
- Figura 4 George Legrady, Slice, Instalação, 2011 _____ 266
- Figura 5 Sérjo, Mana, fotografia, 2013 _____ 16
- Figura 6 Sérjo, Sem título, fotografia, 2014 _____ 1727
- Figura 7 Luane Abatti, Sem título, fotografia, 2017 _____ 18
- Figura 8 Luane Abatti, Sem título, fotografia, 2017 _____ 18
- Figura 9 Renan olhar, fotografia, 2018 _____ 19
- Figura 10 Renan viajar, fotografia, 2018 _____ 19
- Figura 11 Luane Abatti, Ônibus para o ensaio, fotografia, 2019 _____ 25
- Figura 12 Luane Abatti, Quarto muda, trabalho não, fotografia, 2019 _ 26
- Figura 13 Luane Abatti, Pátio do frescor, fotografia, 2019 _____ 26
- Figura 14 Luane Abatti, Redenção do refúgio, fotografia, 2019 _____ 27
- Figura 15 Luane Abatti, 23:30 Reunião de casa, fotografia, 2019 _____ 27
- Figura 16 Katia Maciel, Mar adentro, videoinstalação, 2014 _____ 30
- Figura 17 Brígida Baltar, Stil do vídeo Maria Farinha, 2004 _____ 31
- Figura 18 Brígida Baltar, Stil do vídeo Maria Farinha, 2004 _____ 31
- Figura 19 Brígida Baltar, Coleta da maresia, ação e fotografia. 2001 _ 32
- Figura 20 Agnes Varda. As praias de Agnes. Still do Filme. Material de divulgação _____ 33
- Figura 21 Marcelo Coutinho, Sob a Proteção da Virgem Mãe de Deus, fotografia, 2019 _____ 34
- Figura 21 Marcelo Coutinho, Sob a Proteção da Virgem Mãe de Deus, fotografia, 2019 _____ 34
- Figura 22 Luane Abatti, Stil da instalação Refúgio Utópico, 2019 _____ 36
- Figura 23 Luane Abatti, Stil da instalação Refúgio Utópico, 2019 _____ 36
- Figura 24 Luane Abatti, Stil da instalação Refúgio Utópico, 2019 _____ 37
- Figura 25 Luane Abatti, Stil da instalação Refúgio Utópico, 2019 _____ 37

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Autobiografia	12
2.1 A história da menina	12
2.2 De lá até aqui	14
2.3 A praia	20
3. A utopia	23
4. Referências artísticas	28
5. Considerações finais	35
6. Referências bibliográficas	38

1. INTRODUÇÃO

“Como eu gostaria de fugir daqui só por um momento...”

“Como eu gostaria de fechar os olhos e estar na beira da praia!”

“Nossa, 5 minutinhos com a brisa da praia no rosto eu estaria renovado!”

A partir da montagem de um ambiente sensorial, tenho o intuito de fazer as pessoas usarem a imaginação e os sentidos para irem além, isso com suas lembranças, nostalgias e saudades. Um refúgio, uma fuga utópica, onde a utopia está bem nesse processo de fuga imaginária.

O processo de criação busca integrar a afetividade dos espaços de memória, interligando o meu discurso artístico ao de outras pessoas de meu convívio.

Mal sabia eu que esse trabalho estava há muito tempo na minha própria imaginação por querer ser feito, e eu achando que eu só queria ir para a praia.

A vontade de fugir por um momento, de ir ali e já voltar, de se desligar um pouco da loucura em que vivemos... Mesmo que rapidinho. Chega de buzinas e sirenes! Uma meditaçãozinha rápida só para, com isso, se colocar de volta no lugar... Vontades minhas bem frequentes nesses últimos anos. Vontades essas que percebi que não são só minhas. Foi com e por essas vontadezinhas que criei este trabalho que ressoa ecos do meu passado e presente com os devaneios da minha imensidão íntima.

Passagem comprada, bateria da câmera cheia, cadeira e canga em mãos... Escolhi uma data que a praia pudesse não ter muitas pessoas e que a previsão do tempo promettesse estar boa. Assim, numa terça-feira de manhã quente de primavera, fugi de Porto Alegre e fui-me à Balneário Pinhal, cidade com a praia escolhida para fazer a filmagem que há de ser

projetada na parede como parte deste trabalho e que falarei mais sobre o porquê dessa escolha em breve.

Várias filmagens foram feitas com alguns cuidados em especial: o barulho do vento contra o microfone da câmera e que as ondas não ultrapassassem muito o enquadramento da câmera.

A intenção é fazer as pessoas se transportarem mentalmente e brevemente para ambientes em que se sintam bem e mais leves, uma fuga da realidade, um refúgio, que acaba sendo utópico por não ser tão acessível no momento em que queremos acessá-lo.

Mas, mais do que apenas poder assistir a um vídeo, gostaria de poder proporcionar uma sensação de participação na obra como algo que encante as pessoas e tornem a obra mais interativa. Para isso, trabalhei com elementos para complementar, tais como uma cadeira de praia coberta com uma canga, cena típica nas praias, e um ventilador, humildemente representando a brisa do mar. Ventilador por ser o que mais poderia me ajudar a demonstrar esse sentir e passar a sensação como eu gostaria que fosse.

Partindo do pressuposto que o que é sentido na obra pode ser pura utopia, ao mesmo tempo notamos que é necessária essa imaginação toda para a sobrevivência do ser criativo em tempos não utópicos.

Tudo começa com a imaginação. Este trabalho em si, por exemplo, perdurou na imaginação por um longo tempo. Aliás, posso dizer que comecei a ver este tema como um trabalho em si na disciplina de Fundamentos da Pesquisa em Arte, que foi quando elevei meus pensamentos para pensar em algum tema importante para mim a ponto de torná-lo meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A interação se dá de forma simples. Como um convite à várias memórias, cada pessoa com as suas, uma cadeira de praia confortável o suficiente, a vontade de fuga para a praia e uma projeção de mar na

parede. E para este trabalho, usarei a cadeira de praia como o transporte para alguns desses lugares.

Pode-se dizer que, fazendo uso dos sentidos da audição e do tato, com esse trabalho busco ir além do visual. Gostaria de deixar aberto também para pessoas com deficiência visual, para elas poderem ter acesso a arte a partir desse acesso aos sentidos além da visão, assim também fazendo uma reflexão sobre as possibilidades e limites da arte na tarefa da inclusão dessas pessoas mostrando que a arte também pode servir como ferramenta de inclusão e transformação social.

Aqui retrarei uma praia, mas muitos lugares podem ser esses pontos de escape. Como, por exemplo e indo além do lugar praia, o quarto da gente. Ou até a sala da casa dos pais ou a cozinha da casa dos avós ou tios no interior. Quando se pensa nesse lugar, procura-se mais um alívio.



Figura 1 Luane Abatti, Refúgio utópico, projeto de instalação, 2019

2. AUTOBIOGRAFIA

2.1 - A HISTÓRIA DA MENINA

Vou contar-lhes uma história.

Circunstâncias da vida e aquele *feeling* de se arriscar um pouco para ver se a vida mudava trouxeram uma menina à Porto Alegre. Ela adorava essa cidade e tudo de novo que ela a traria. Ela já tinha alguns amigos queridos aqui e possibilidade de fazer mais mil novos. Simpatizava muito com ambas situações.

Muito mais cultura à sua disposição, acesso à shoppings muito maiores e mais legais que os do interior (eles têm até cinema!!!), baladinha com os amigos na sexta e/ou sábado, chima na Redenção no domingo, entre várias outras coisas...

A ida para a “cidade grande” se devia a ter ganas de trabalhar com coisas que gostasse muito e com isso achar um rumo na vida em algum ramo específico (afinal, a menina sempre gostou muito de muita coisa e isso, ironicamente, a freou para seguir algum caminho por anos), seguir nisso para crescer na vida e, aquele clichê básico, ser feliz. Bem história de menina interiorana mesmo! Trabalhou em vários lugares, até ter que largar a vida de trabalhadora para ser "estudante da Federal".

O tempo passou e, da mesma maneira que a menina interiorana, a cidade mudou. A menina já não gostava mais de “POA” como outrora. Parques e shoppings já não tinham mais a mesma graça. A baladinha com os amigos se transformou numa mesinha de bar com alguns seletos amigos e nada daquela música alta e nem de voltar para casa com o dia amanhecendo. Mas teve um ponto forte que ajudou a menina a não gostar mais tanto da cidade e querer sair dali: a insegurança.

Após ter seu quarto, na casa de estudantes de baixa-renda em que morava, invadido e ter perdido todas as coisas de valor financeiro que lá tinha, tais como notebook, celular, câmera fotográfica, dentre outros, a menina só queria fugir para algum lugar, um lugar de paz, um lugar que se sentisse muito, MUITO bem, queria se desligar, nem que fosse só por um breve momento.

Essa menina sou eu e eu só queria poder ir para a praia!
Até poderia dizer que foi aí o estopim deste trabalho.

2.2 DE LÁ ATÉ AQUI

Desde o início da graduação, eu sempre pensei que meus trabalhos não tinham muita relação entre si, mas foi com os estudos que fiz para este trabalho de conclusão de curso, estudos de mim mesma inclusive, que consegui fazer uma ligação bem clara dos meus trabalhos realizados em épocas distintas e que sempre traziam duas mesmas palavras nos seus discursos: Imaginação e liberdade.

“Porque praia?”, me repito a pergunta. Talvez fosse lá o lugar que eu mais me sentia com uma indescritível sensação de liberdade. Liberta de paradigmas impostos pela sociedade, como com meu corpo e eu usando um biquíni sem me importar muito com o que os outros achavam, liberta de preocupações, como roubos e furtos que pudessem ocorrer por uma pequena distração em qualquer parque que estivesse na capital, entre outros.

Mas saindo da praia e indo aos trabalhos que relacionei à liberdade e afins, vou dar-lhes algumas amostras destes trabalhos com suas relações.



Figura 2 Luane Abatti, *Minha alma*, fotografia, 2015 43x57cm

“As grades do condomínio são para trazer a proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nessa prisão”. Trecho da música *Minha Alma*, da banda O Rappa que sempre me vem à cabeça quando vejo a foto acima. Tanto vem que tornei o nome da música como nome da obra. Esta provavelmente foi a minha primeira foto que posso dizer que transformei em trabalho, pois até então era apenas uma foto no rolo de câmera do meu celular.

Nesses trabalhos passados, procurei fazer uma ressignificação dessas imagens, fazendo o uso de muita cor e o corte nas imagens, assim mostrando como as imagens podem se desmontar e nos causar diferentes impressões visuais.



Figura 3 Luane Abatti, *Free bird pink*, fotografia, 2017 13x20cm

A intenção inicial do trabalho acima era de fazê-lo em movimento, mas, no fim, gostei tanto de tê-lo na imaginação em movimento que preferi deixá-lo assim mesmo.

Esse trabalho une-se a outros e todos com principal referência estética a dois artistas que me encantaram visualmente desde a primeira obra deles que os conheci. São eles George Legrady e Sérgio J. Gonçalves Júnior, o “Sérjo”. Ambos trabalham com mídias digitais, mas Legrady segue mais para o lado interativo, enquanto Sérjo se estabelece no estático.



Figura 4 George Legrady, *Slice*, Instalação, 2011



Figura 5 Sérjo, *Mana*, fotografia, 2013

Trouxe estes artistas como referências aos trabalhos passados, sem relação direta com o trabalho atual, mas que serviram de inspiração na produção dos outros trabalhos que me trouxeram até aqui.

Sérjo, em seu perfil pessoal, se diz engenheiro por criação e fotógrafo por essência. É um artista visual que trabalha com fotografias e cores. Nas fotografias, parte de pessoas e vai para os lugares e suas arquiteturas. Com as cores, inversões, trocas, saturações e sombreamentos. Trabalhando com experimentações a partir de suas percepções, gosta de sentimentalizar suas criações, trata o incomum como algo interessante aos olhos.

Já Legrady é um artista muito premiado e mundialmente conhecido por suas obras de arte tecnológicas e de mídia digital. Em alguns de seus trabalhos, faz uso de imagens cortadas repetidamente, por vezes se reduzindo a uma forma abstrata, remontando criando uma representação diferente. Legrady me motivou e serviu de inspiração no trato com esse tipo de obra que proporciona interação com o público, algo diferente da interação provocada por uma produção tradicional, como escultura, pintura, etc.

Fazendo uso de alterações na cor e de bastante saturação e recortes nas imagens, esses trabalhos são outros que acabaram entrando no rol de relacionados à imaginação e liberdade. Imaginar prédios do cotidiano em outras cores, cores vivazes, junto com um céu gigantesco no fundo dessas fotos me encanta.



Figura 6 Sérjo, Sem título, fotografia, 2014

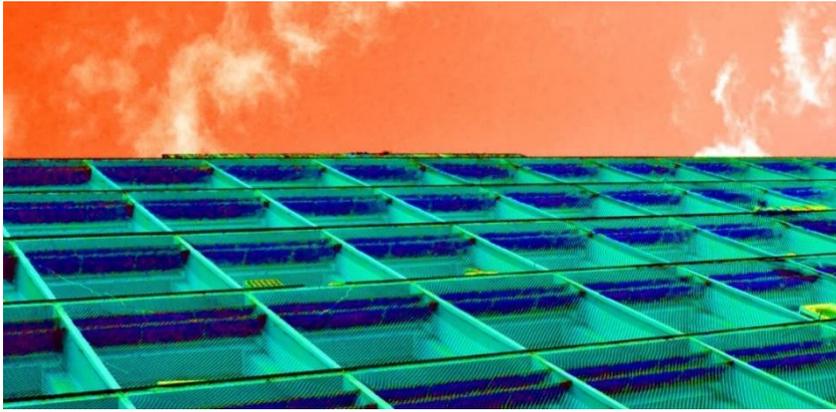


Figura 4 Luane Abatti, Sem título, fotografia, 2017

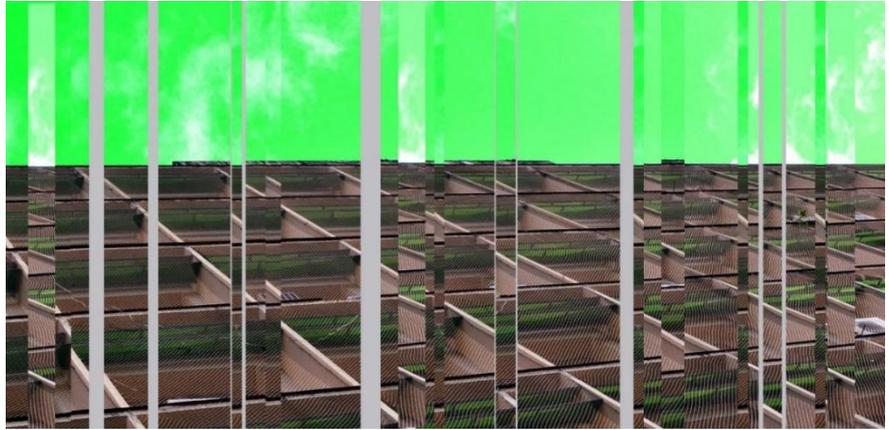


Figura 5 Luane Abatti, Sem título, fotografia, 2017

Olhar além, ver o horizonte, pensar, deixar o pensamento te levar além, quase como sair do corpo e ir longe. Outros trabalhos os quais relaciono a imaginação e liberdade.



Figura 6 Renan olhar, fotografia, 2018 100x150cm



Figura 7 Renan viajar, fotografia, 2018 100x150cm

2.3 A PRAIA

O lugar “praia” sempre representou um grande amor para mim. O conjunto todo: areia, água salgada, de preferência, sol e o que trago primordialmente aqui: o sentir.

Meu pai é caminhoneiro há muitos anos. Ainda antes de eu nascer, ele já era “caminhoneiro-há-muitos-anos”. Viajar é um verbo que sempre esteve bem frequente no vocabulário de minha família. Mas não, não me refiro a viagens internacionais, intercâmbios ou qualquer coisa de tamanha magnitude geograficamente falando. Me refiro a viagens de curta distância. Da nossa cidade de Vila Flores até Caxias do Sul. Ou ali em Santa Catarina. Paraná também era destino frequente.

Independente da época, eu tinha as minhas viagens favoritas: As viagens para a praia! E dá para se dizer que elas se subdividiam: - A praia que o pai ia “descarregar pedras para o João”, isso durante o ano todo. João da Cunha, velho amigo do meu pai, que ainda hoje tem o depósito de pedras numa das avenidas principais de Tramandaí e pai da Manuela (fomos muito boas amigas na infância e, mesmo com tanta tecnologia, eu nunca mais consegui contato com ela); - E a praia do final no ano: a família toda, faz rancho, enche o carro (tem que ter espaço para a minha prancha de *bodyboard*, hein!!!), sai de madrugada (isso tornou entre 4 e 5 da manhã um dos meus horários favoritos) para não pegar muito trânsito, ver o dia amanhecer e lá íamos nós. “*Vamos a la playa, oh, oh, oh, oh oh!*” ou o que conhecemos hoje em dia como “*Partiu, praia!*”.

Era tudo lindo. Tudo o que eu fazia em qualquer praia que a gente resolvesse ir, em qualquer idade que eu tivesse, em qualquer fase da infância ou adolescência que eu estivesse, era muito lindo.

Indubitavelmente, praia era (e ainda é) o meu lugar favorito no mundo. Praia e tudo que envolvia isso. Uma praia favorita? Não. Praia é o lugar!

“Praia, OK! Mas alguma teve que ser escolhida para a conclusão desse trabalho. Qual foi e porquê?”

A praia escolhida foi a Praia do Pinhal, do município de Balneário Pinhal, no litoral norte gaúcho. Palco de várias histórias, incluindo a de Adriano, irmão do cantor Duca Leindecker, que teve a sua brevemente contada na música *Pinhal*, do terceiro disco da memorável banda Cidadão Quem. – Já que toquei nessa música, gostaria de trazer aqui, um trecho dela que é *“ele faz meditação no parque a procura do seu eu”*. Gosto de pensar numa relação dessa frase com a ideia que tenho de refúgio para este trabalho. –

Mas aproximando mais a mim, minha amiga Rosana Rosalen. Ela e seu irmão mais velho Nestor também têm suas várias histórias nessa praia. Em conversa com Rosana, ela me conta com saudosidade sobre como era próxima a casa deles do mar, com apenas um jardim que os separava. Ela com seus seis anos; seu irmão com poucos a mais.

Sobre querer voltar lá, ela relata: “Lembro que corria atrás dele até a areia e ali ficávamos por horas, brincando a tarde toda, até que o pôr do sol chegasse e pudéssemos ficar ali, parados, observando tamanha beleza! Voltávamos para casa exaustos, mas felizes por podermos compartilhar momentos como esse que se repetiram quase que diariamente durante belos dois anos!” E complementa: “Sinto falta da inocência da nossa infância e de momentos que não voltam mais!”

Trago aqui esse relato pois hoje em dia, acaba sendo utópico para ela a ida para lá e esse também é motivo da escolha dessa praia. Não só pelas dificuldades que tem passado numa maternidade inesperada, mas também porque mesmo voltando para lá, ela não conseguiria reviver o que viveu, mas sim, lembrar e ter esse acesso nostálgico e imaginativo.

Acaba sendo utopia pois é um momento que já não tem como ser remontado mais. A praia continua lá. As ondas? Ainda indo e vindo, mas aquele momento vivido... Utopia!

3. A UTOPIA

Em seu livro *Utopia*, de 1516 e que teve recentemente edição comemorativa de 500 anos do seu lançamento, Thomas More nomeia a ilha de Utopia - do grego *u-topo* (“não lugar” ou também “lugar que não existe”), o fruto de sua imaginação como sendo uma sociedade harmoniosa e sem guerras fundada em leis igualitárias, onde toda propriedade é comum e todas as pessoas vivem livres de intolerâncias, explorações e violências. Em reportagem publicada no blog da Boitempo em janeiro deste ano, o escritor Mouzar Benedito diz que o autor se baseou em informações passadas por Américo Vespúcio sobre o que ele viu no novo continente. Com isso, a palavra Utopia acaba ganhando novos significados, como o de ser algo irrealizável, fantasioso e impraticável.

Eu, particularmente, acredito que essa fuga acaba sendo extremamente necessária para mantermos nossa sanidade mental nos dias atuais. Poderia se transformar em um sonho? Seriam nossos sonhos utópicos? Teríamos que nos consolar com isso? Acredito que todos tenhamos um sonho, ou uma imaginação, do tipo. Um mundo com políticos honestos, todos os que estão em cargo de poder, seria uma utopia quase que coletiva, por exemplo? Talvez. Talvez. Talvez...

No meu processo de verificação sobre meu entendimento sobre a dita utopia, me deparei com várias definições e com vários pontos de vista e entendimentos diferentes.

Certa vez, em uma entrevista a um programa de televisão chamado Sangue Latino, do Canal Brasil, o escritor uruguaio Eduardo Galeano comentou sobre uma frase que, após citá-la em seu livro *‘Las palabras andantes?’*, as pessoas injustamente a ligam a ele, mas que não deixa de ser de seu amigo Fernando Birri, um diretor argentino. Ambos estavam

palestrando em uma universidade em Cartagena, na Colômbia, e ao final, um dos estudantes se levanta e faz a seguinte pergunta a Birri: “Para que serve a utopia?”. E então respondeu dizendo que se fazia essa pergunta todos os dias, ‘para que servia a utopia’, se é que ela servia para alguma coisa e complementou: “Vejam bem, a utopia está no horizonte e, se está no horizonte, eu nunca vou alcançá-la porque, se caminho dez passos, a utopia vai se distanciar dez passos. E se caminho vinte passos, a utopia vai se colocar vinte passos mais além, ou seja, eu sei que jamais vou alcançá-la. Para que serve? Para isso, para caminhar”.

Com o desejo de criação de imagens que me remetessem à essa utopia, à essa fuga do cotidiano, no meio da rotina, fiz uma série fotográfica de interferências urbanas demonstrando como a cadeira serviu como o “transporte mental”.

Peguei a câmera, a cadeira e a canga e, assim como na forma como se apresenta na instalação deste trabalho, montei cenários em alguns lugares que em algum momento tive a vontade de fuga e também para alguns lugares mais calmos e/ou que são associados a lugares mais calmos e frescos, que dão uma acalmada na alma. Acalmada momentânea, assim como a fuga mental. Gosto de pensar que talvez seja como uma meditação, esse momento de se desligar e deixar o pensamento e a imaginação ir além do espaço físico.

O olhar das pessoas ao redor já demonstrava a estranheza de ter algo que é comum a todos, mas que se torna incomum quando colocado em lugares e momentos não habituais ao nosso dia-a-dia. Me questiono se só esse fato de terem me visto fotografar uma cadeira de praia já não os deixou com uma breve vontade de ir à praia.

Mas essa série ainda há de ser melhor trabalhada. Pretendo seguir com outros trabalhos relacionados e em outros lugares para futuramente trabalhar com elas impressas.



Figura 8 Luane Abatti, Ônibus para o ensaio, fotografia, 2019 175x121cm



Figura 12 Luane Abatti, Quarto muda, trabalho não, fotografia, 2019 172x115cm



Figura 9 Luane Abatti, Pátio do frescor, fotografia, 2019 182x121cm



Figura 10 Luane Abatti, *Redenção do refúgio*, fotografia, 2019 182x121cm



Figura 11 Luane Abatti, *23:30 Reunião de casa*, fotografia, 2019 182x121cm

4. REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Por sair da ideia do básico da contemplação estática e por propor uma apreciação sensorial além da visão, gosto de pensar em uma relação do meu trabalho com algumas obras da artista Lygia Clark.

Lygia Clark, pseudônimo para a mineira Lygia Pimentel Lins, com a troca das pinturas por experiências com objetos tridimensionais, partiu para a arte interativa e compartilhada ao estabelecer que “a arte é o seu ato”. Ela encoraja o espectador a participar de sua obra também com experiências sensoriais. Dedicou-se a algo como uma arte terapêutica, pois ao participar das obras, é possível abrir caminho para o inconsciente e atingir nosso interior, resultando em algo que pode ser tido como libertador.

A partir da década de 60, Lygia trouxe seus *Bichos*, esculturas manipuladas pelo público. Com eles, ela buscava a participação do espectador em seu trabalho, por meio de objetos sensoriais com dobradiças, para despertar sensações e fantasias. Mais tarde, fez trabalhos como *Nostalgia do Corpo: Diálogo*, que propõe sentir coisas simples, como um sopro leve e o contato de uma pedra na mão; e *A Casa É o Corpo: Labirinto*, simulação de um útero a ser penetrado pelo visitante, que também é levado a experimentar sensações ao ter que passar por compartimentos.

No meu processo de pesquisa, tive o prazer de conhecer o trabalho da artista, que também é poeta, cineasta e professora, Katia Maciel. A obra da artista vai além do imaginário próprio das imagens em suas relações com a paisagem, a palavra e os objetos. Trabalha com influências além do cinema, o que é flagrado em seus vídeos e instalações com expansão para além da tela como modo de incluir o espectador. Tem em

seu trabalho uma desconfiguração do mundo, visto em mares que seguem ao horizonte, árvores que se movimentam em paisagens fixas, na distorção entre os objetos e suas funções, entre outros.

Dentre seus trabalhos, destacarei quatro deles, os quais faço relação com este meu trabalho. São eles: *Ondas: um dia de nuvens listradas vindas do mar* (2006), *Mareando* (2007), *Vertigo* (2014) e *Mar adentro* (2014), todos que operam com a fabulação sobre mares, através de diversas geometrias e ritmos.

Na instalação interativa *Ondas: um dia de nuvens listradas vindas do mar*, ela faz a designação da palavra onda, que ao mesmo tempo demonstra o movimento do mar e a pulsação de energia, assim aproximando esses dois sentidos.

Uma mulher sentada na areia a olhar o mar. Nesse mar, ondas em ritmos alternados. Esse é um resumo tênue de *Mareando*.

De 2014, destaco duas videoinstalações. Em *Vertigo*, em um fluxo contínuo de ondas verticais e invertidas, uma estranha sensação de vertigem. Já em *Mar adentro*, quarto trabalho da artista sobre o mar, a artista cria um ambiente vazio no qual, segundo informação no site da artista, “o mar surge em ondas disparadas pelo movimento dos nossos pés no piso coberto de areia”. As ondas disparadas por sensores acompanham os visitantes e seguem muitas direções, em geometrias inusitadas extrapolando a experiência bidimensional e contemplativa da imagem.



Figura 12 Kátia Maciel, *Mar adentro*, videoinstalação. 2014

Também trago ao meu trabalho, Brígida Baltar que além de promover a reflexão sobre a produção contemporânea, propicia ao público um contato singular com suas obras de arte, tais que exploram a potência da imagem com desdobramentos em modos variados através de gestos sutis.

Brígida Baltar é uma artista brasileira que nasceu no Rio de Janeiro, em 1959, onde vive e trabalha até hoje. Durante muito tempo, ela viveu em uma velha casa, onde desenvolveu vários trabalhos com goteiras e escavações nas paredes, sempre explorando a presença do corpo e a própria experiência do ambiente. Depois das experiências realizadas na casa, a artista começou a realizar ações na natureza através de coletas de elementos intangíveis, apresentados em fotos, vídeos e desenhos.



Figuras 17 e 18 Brígida Baltar. Stils do vídeo *Maria Farinha*, 2004

Em seu trabalho *Maria Farinha*, com a participação de uma atriz a artista retrata um caranguejo. Caranguejo de areia com perfil fugidio e com uma cor que quase não se vê, andando de lado em linhas tortas como se seguindo a linha indecisa das ondas do mar. Cava buracos incessantemente, como quem busca algo, e se enfia neles com alguma esperança. Ouve vozes, mas não distingue se estão dentro ou fora de sua cabeça. Maria Farinha corre, cava, para, escuta, procura, sente... Busca algo que não se tem definido o quê. Talvez o que ela está procurando esteja dentro de si.

Entre 1994 e 2001, Brígida Baltar realizou uma série de ações pouco usuais: a coleta de neblina, orvalho e maresia, isso em variados recipientes de vidro e registrando tudo em fotografias e filmes curtos. Juntas, essas coletas formam o projeto Umidades.

Correndo sobre a areia com potes arredondados e largos, fazendo umas coreografias exóticas e por vezes entrando no mar, as “coletoras de maresia” parecem fazer essa coleta como algo comum e bem natural ao olhar.



Figura 19 Brígida Baltar. Coleta da maresia, ação e fotografia. 2001

Como uma reação francesa contrária às superproduções de Hollywood nos anos 70 temos a Nouvelle Vague e como precursora temos ninguém menos que Agnès Varda. Indo muito além de uma “velhinha, falante e gorda”, como se definiu em seu próprio trabalho, a também fotógrafa e cineasta também tem espaço especial por aqui. As

praias de Agnès (Les plages d'Agnès) conta de um jeito divertido as memórias da artista como um documentário autobiográfico.

O filme começa com a artista na praia cercada da equipe de filmagem e de vários espelhos. Ela busca relembrar momentos de sua infância, de suas praias e sua vida falando para a câmera e andando para trás, como se representando um retorno ao seu passado e memórias.

Em um dos momentos do filme, Varda cobre o asfalto da rua Daguerre, onde morava, com areia para recriar sua produtora. Ali todos trabalham como em um escritório, mas com um clima despojado e livre. Mais uma vez a praia se coloca como espaço e referência para que a artista insira seu universo.



Figura 20 Agnes Varda. *As praias de Agnes*. Still do Filme. Material de divulgação.

Nos últimos dias de conclusão deste trabalho, tive o prazer de conhecer o trabalho do artista Marcelo Coutinho. Nascido em 1968 e crescido entre a Paraíba e Pernambuco, atualmente residente em João Pessoa, após mais de 30 anos morando em Recife.

Mas para o meu prazer ser maior ainda, consegui contato direto com o artista em conversa por chat no dia 11 de dezembro de 2019. Com o fato de usarmos o mesmo objeto em nossos trabalhos, o questionei sobre o detalhe, ao que ele me responde: “Para mim, a cadeira é uma forma de estabelecer um tipo de estar que tem qualidade. É uma qualidade própria à atitude de dar-se tempo. Coisa rara hoje.”. E complementa: “Abro minha cadeira aonde quero e posso fazer aquilo que o homem do campo no Nordeste do Brasil chama de "olhar o tempo"”.

Com essa questão de dar-se tempo, faço relação com este meu trabalho. Parar, observar, pensar, ou até parar de pensar, como uma meditação... Sentar em um lugar e deixar o pensamento ir além, usar a imaginação e transportar-se mentalmente para outro lugar. Talvez um lugar dentro de si mesmo. Ambos fazemos uso da cadeira, mas de diferentes formas. Com o meu trabalho, busco um lugar com o pensamento. Já no de Coutinho, ele busca no lugar um pensamento.



Figura 21 Marcelo Coutinho, Sob a Proteção da Virgem Mãe de Deus, fotografia, 2019

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de escape que é evocado nos meus trabalhos é alcançável quando quer e da forma que se quer, não havendo a necessidade do objeto cadeira, assim como não se fez necessário em todos os momentos que a vontade de ir à praia me apareceu. Usei uma cadeira de praia para auxiliar nesse dispositivo de memória, mas bem sabemos que, da mesma maneira que o destino do refúgio não precisa ser a praia, não se faz necessária a cadeira para essa viagem imaginária. Não tem hora, nem lugar. Suporia que quanto mais a cabeça esquenta, seja pelo calor escaldante de Porto Alegre, seja por estar com mil coisas na cabeça, mais a vontade do refúgio utópico aparece.

Ventilador no canto esquerdo da parede, pois o vento da praia no dia da filmagem vinha desse lado, projeção em vídeo com som na parede com volume o suficiente para parecer como na realidade, a cadeira com a canga em torno de 4 metros da parede para que o vai-e-vem das ondas não ultrapassem o campo visual na parede.

Aproximar memórias, histórias e arte é uma escolha que pode ou não seguir em frente. Esse trabalho pode sugerir outros, se desdobrar. Posso incorporar outros elementos nele, cavando mais fundo e indo a outros lugares.

Mostrar os próprios anseios num trabalho com fatores tão pessoais não foi fácil, mas cá estou eu finalizando, um trabalho que na teoria acaba aqui, mas não na imaginação.





Figuras 22 a 25 Luane Abatti. Stils da instalação Refúgio utópico, 2019.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAR, Brígida. Página da artista. Vídeo Maria Farinha. Disponível em: <<https://vimeo.com/23011244>> Acessado em> 11/12/2019.

BALTAR, Brígida. Página do museu Victor Meirelles. Revista Número 7 – Brígida Baltar - Alguns vídeos. Disponível em: <<https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/>> Acessado em> 11/12/2019.

BALTAR, Brígida. Página do Coletivo Capacete. Disponível em: <<https://capacete.org/brigida-baltar/>> Acessado em> 11/12/2019.

BENEDITO, Mouzar. Cultura inútil: Para que serve a utopia? Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/01/16/cultura-inutil-para-que-serve-a-utopia/>> Acessado em> 11/12/2019.

BEZERRA, Júlio. As Praias de Agnès (Les plages d'Agnès), Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/praiasdeagnesjulio.htm>> Acessado em> 11/12/2019.

CAMPOS, LF. Lygia Clark - Máscaras Sensoriais. Disponível em: <<http://multissenso.blogspot.com/2009/11/lygia-clark-mascaras-sensoriais.html>> Acessado em> 11/12/2019.

CONTI, Josie. Para que serve a utopia? Disponível em: <<https://www.contiouttra.com/para-que-serve-utopia-eduardo-galeano/>> Acessado em> 11/12/2019.

COUTINHO, Marcelo. Página da artista. Disponível em: <<https://www.facebook.com/marcelo.coutinho.16>> Acessado em> 12/12/2019.

DEMUNER, Talyta. As Máscaras Sensoriais. Disponível em: <<http://contemporaneaarte.blogspot.com/2009/10/as-mascaras-sensoriais-lygia-clark.html>>. Acessado em> 11/12/2019.

GALEANO, Eduardo. Entrevista. Disponível em: <<https://maisqueousual.wordpress.com/2011/03/29/entrevista-eduardo-galeano/>> Acessado em> 11/12/2019.

GALEANO, Eduardo. Revista Prosa Verso e Arte. Para que serve a utopia? Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/para-que-serve-a-utopia-eduardo-galeano/>> Acessado em> 11/12/2019.

GALEANO, Eduardo. As palavras andantes (*Las palabras andantes*). 1ª edição. Guatemala: Siglo Veintiuno, 2013

GONÇALVES, Sérgio. Página do artista. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/sjrgoncalves>> Acessado em> 11/12/2019.

GONÇALVES, Sérgio. Vem conferir o trabalho em fotografia do artista visual SÉRJO, Disponível em: <<https://nanu.blog.br/na-nuzeando-conheca-o-artista-visual-serjo/>> Acessado em> 11/12/2019.

LEGRADY, George – *Slice*. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/slice-george-legrady-emocao-art-ficial-6-0>> Acessado em> 11/12/2019.

LINO, Du. Analise “As praias de Agnes”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fLHLozfcQs&t=306s>> Acessado em> 11/12/2019.

MACIEL, Kátia. Funarte MG recebe instalação ‘Mar adentro’, de Katia Maciel. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/artes-visuais/funarte-mg-recebe-instalacao-mar-adentro-de-katia-maciel/>> Acessado em> 11/12/2019.

MACIEL, Kátia. Página da artista. Disponível em: <<http://www.katiamaciel.net/>> Acessado em> 11/12/2019.

MACIEL, Kátia. Zipper Galeria. Página da galeria. Disponível em: <<https://www.zippergaleria.com.br/pt/artistas/katia-maciel/>> Acessado em> 11/12/2019.

MENDEL, Paulo. Blog da Produtora BlankTape. Entrevista Brígida Baltar. Disponível em: <<http://www.blanktape.com.br/works/entrevista-brigida-baltar/>> Acessado em> 11/12/2019.

MORE, Thomas. Utopia - Edição Bilíngue (latim-português). 1ª edição. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.

SOUZA, Aline. Diálogo: Óculos. Disponível em: <<http://multissenso.blogspot.com/2009/11/dialogo-oculos.html>> Acessado em> 11/12/2019.

VARDA, Agnes. Imovision. Varda por Agnès. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=luDS180juQU>> Acessado em> 11/12/2019.

VARDA, Agnes. Telecine CultMovie – As praias de Agnès. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LtXpnRKRTRM>> Acessado em> 11/12/2019.

Zero Hora, Ao pé da letra: Cidadão Quem explica Pinhal. Disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br/rs/zerohora/video/segundo-caderno/2013/09/letra-cidadao-quem-explica-pinhal/42069/>> Acessado em> 11/12/2019.